Salomão Rovedo

Carlos Drummond de Andrade e a poesia popular

Ilustração de Liberati
na crônica “Os poetas estão com toda força”

Rio de Janeiro
2017

Em memória e na lembrança de

Apolônio Alves dos Santos
Cícero Vieira da Silva "Mocó"
Ciro Fernandes
Elias A. de Carvalho
Erivaldo Ferreira da Silva
Expedito Ferreira da Silva
Franklin Maxado
Gonçalo Ferreira da Silva
Joel Borges
José Duda
José João dos Santos "Azulão"
Jota Rodrigues
Manoel Santa Maria
Marcelo Soares
Raimundo Santa Helena
Raimundo Silva
Sá de João Pessoa
Sepalo Campelo
Zé Andrade,

entre outros presentes e ausentes...

I

As primeiras crônicas de Carlos Drummond de Andrade no Correio da Manhã foram publicadas de janeiro de 1954 a janeiro de 1968. Após anos de atividade (a rigor: pelos mesmos 15 anos que, depois, passaria no Jornal do Brasil) como colaborador, redator e cronista, ele deixou o jornal. Pressionado pela censura, pela política de terra arrasada e *dumping* das Organizações Globo, o Correio da Manhã encerraria as atividades em 1969. Algum tempo depois seria a vez do *dumping* empresarial e político enterrar o Última Hora, Jornal do Brasil e outros pequenos jornais para solidificar o império d'O Globo. Mas o poeta jamais escreveu no jornal da família Marinho...

A segunda fase de Carlos Drummond de Andrade como cronista no Rio de Janeiro começou no dia 2 de outubro de 1969 e durante os 15 anos em que ele escreveu para o Jornal do Brasil (1969-1984), debaixo do regime militar e da censura feroz, conseguiu criticar a política com textos disfarçados em textos críticos, cheios de ironia, sempre aproveitando – como bom cronista – temas de acontecimentos cotidianos. Assim o fez na crônica "A banda", embarcando no sucesso da música de Chico Buarque, vencedora *ex-aequo* com "Disparada" de Geraldo Vandré no II Festival de Música da TV Record, em 1966:

A banda

"O jeito no momento é ver a banda passar, cantando coisa de amor. Pois de amor andamos todos precisados, em dose tal que nos alegre, nos reumanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para frente. Amor que seja navio, casa, coisa cintilante, que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando". (...)

"Meu partido está tomado. Não da Arena nem do MDB, sou desse partido congregacional e superior às classificações de emergência, que encontra na banda o remédio, a angra, o roteiro, a solução. Ele não obedece a cálculos da conveniência momentânea, não admite cassações nem acomodações para evitá-las, e principalmente não é um partido, mas o desejo, a vontade de compreender pelo amor, e de amar pela compreensão".

Os raros contatos que Carlos Drummond manteve com poetas populares sempre provocou nele alguma emoção, resultando crônicas de cunho social ou político. Nas colunas que escrevia no Jornal do Brasil ,

Drummond aproveitava o modo especial com que os poetas populares promoviam protestos e denúncias para dar seu aval e incorporá-lo nas crônicas. Até então ninguém perdia tempo em censurar aqueles pequenos folhetos mal impressos, de circulação restrita, cheios de versos de pé quebrado cantados por vozes estridentes e desafinadas.

Mas chegou certo tempo que a política começou a ferver em todo o país, quando ninguém aguentava mais a pressão política sobre adversários e contestadores – e tudo explodiu na série histórica de passeatas e reuniões de lideranças políticas e culturais que acabou por se transformar em campanha pela democracia. Nessa ocasião os poetas da Feira de São Cristóvão (a Feira dos Paraíbas), assumiram o tom dos comícios do movimento das "Diretas Já", que as oposições – reunidas sob a batuta de Teotônio Vilela (líder da ideia), Tancredo Neves, Leonel Brizola, José Sarney e Ulysses Guimarães, entre muitos – promoviam Brasil afora.

Através de suas poesias, dos folhetos mal ajambrados, das vozes esganiçadas, os poetas populares começaram a baixar o pau no governo, partiram em apoio à candidatura de Tancredo Neves, faziam folhetos-comícios, criaram siglas partidárias e inventaram a candidatura de Franklin Maxado para a Presidência da República. O poeta-cronista Carlos Drummond de Andrade estava atento a tudo isso...

Desde o texto em favor de Leandro Gomes de Barros contra Olavo Bilac, Drummond se mostra tão provocativo quanto o momento exigia, até mais, o cronista se rebelava contra o *status quo* e contra a imposição da vontade do Sudeste contra o Nordeste. *Leandro* – escreveu Drummond – *foi o grande consolador e animador de seus compatrícios, aos quais servia sonho e sátira, passando em revista acontecimentos fabulosos e cenas do dia a dia, falando-lhes tanto do boi misterioso, filho de vaca feiticeira, que não era outro senão o demo.*

Livre, indômito, orgulhoso! – é assim que ele vê Leandro Gomes de Barros, o poeta que defende. E faz loas à liberdade de expressão dos poetas populares, que não têm obrigações estéticas, religiosas e morais, não pertencem a academias nem se obrigam a escrever deste ou daquele modo, citando o próprio Leandro: *Eu cá só devo favor, ao sol e à água do rio, à água porque eu bebo e tomo banho no estio, devo ao sol porque me esquenta nas horas que tenho frio.*

Quando Drummond se aproxima mais dos poetas e começa a recebê-los em visitas no seu apartamento em Copacabana – coisa que o faz se sentir à vontade e até mesmo envaidecido – parte para apoiar as reivindicações políticas, que naquele momento eram as aspirações de todos. Num folheto entregue pelo autor, Drummond lê a plataforma do candidato Maxado, apresentada sob a forma de cordel. O poeta assume a proposta de reforma agrária ao mesmo tempo em que cai de foice sobre os privilégios, a começar pelos das elites intelectuais – imagine!

Diz Maxado e Drummond repete: *Intelectual vai ter de pegar na picareta, na enxada, na estrovenga, no machado, na enxadeta, no martelo e no serrote sem fazer feia careta.* Para encerrar o abraço a tanta subversão, Drummond comenta: *Esta é a plataforma de Franklin Maxado Nordestino. Os pré-candidatos pessedistas em fase de amostragem que se cuidem. O poeta não é de brincadeira. Duvido que outros competidores mostrem a mesma bravura que ele.*

A Casa de Rui Barbosa, que abriga um acervo considerável de literatura de cordel, abriu exposição de sua coleção ao mesmo tempo em que prestava homenagens aos 80 anos do grande colaborador da casa e outro amigão dos poetas populares, Orígenes Lessa. Drummond se serviu do arraial que foi montado para registrar em crônica o sucesso da empreitada:

Muita gente acudiu à abertura da exposição. Não faltaram cordelistas e repentistas que a mim deixaram impressão viva: a de que atingimos finalmente um grau de evolução cultural em que um escritor de formação erudita é amado pelos cantores de feira. Foi tocante ver Raimundo de Santa Helena, Sá de João Pessoa, Franklin Maxado, o legendário Azulão e outros, cercando o titular da Academia Brasileira de Letras, que de camisa esporte em vez do fardão mirabolante, enfrentava com galhardia tanto os 80 anos como a vibração do festejo.

Gonçalo Ferreira da Silva cuidava de reunir número suficiente de poetas para lançar a pedra fundamental da Academia Brasileira de Literatura de Cordel; Franklin Maxado, Raimundo Silva, Sá de João Pessoa, Expedito Ferreira da Silva e outros brigavam pela campanha das Diretas Já; Raimundo Santa Helena fazia visita aos imortais para apresentar sua própria candidatura à Academia Brasileira de Letras; Zé Andrade criou a máscara e o personagem de Tancredo Neves e assim o candidato pôde estar presente em vários locais simultaneamente. Outros poetas demonstravam apoio à abertura democrática com a candidatura

de Tancredo Neves à Presidência da República, fazendo a Feira de São Cristóvão fervilhar de agitação.

Drummond assimila tudo com muita sabedoria, exaltando os temas que agitavam os movimentos dos poetas populares, ocorrências que ele mesmo apropriava para suas crônicas no Jornal do Brasil:

Quem ler com atenção a brincalhona mas corajosa poesia popular brasileira percebe que, sob o humilde revestimento de versos setissílabos ou do martelo agalopado, nossos cordelistas têm consciência de realidade nacional, fazem a seu modo uma crítica social e política que fere fundo nossa hipocrisia cívica – isto, na maioria dos casos, a poesia chamada culta não sabe ou não pretende fazer.

A repercussão de tanto movimento, tanta agitação política, ainda que restrita à feira dos paraíbas, com certeza mexeu no pensamento político mais conservador, que queria manter o *status quo* dos governos anteriores. Em consequência, não se sabe de onde, apareceu nas mãos do Prefeito um projeto para acabar com a feira de São Cristóvão. Drummond mais uma vez se atracou às ideias de Franklin Maxado e dos demais cordelistas em defesa da feira:

O assunto só devia interessar ao bairro a que se refere, mas na realidade interessa a todo o Nordeste. E, por extensão, ao país, se somos de fato uma federação. Por isso não me acanho de ventilá-lo aqui. Seguinte: querem acabar com a feira de São Cristóvão. (...) Quem mora no Rio de Janeiro sabe que essa feira só não é o cartão de visitas porque é uma carta alentada, de muitas páginas, contendo muitos recados, informações e lembretes, do Nordeste do Brasil à gente carioca, nacional e estrangeira, que vive sob o signo do Corcovado. (...) Não haverá em nosso vasto território muitas outras manifestações coletivas iguais a esta, em que se pulverizam as separações geográficas e as friezas do coração desconfiado. É uma feira de coração aberto, musical, em que a alma sofrida do nordestino encontra e distribui paz e alegria.

II

O poeta Franklin Maxado – também conhecido como Maxado Nordestino – caminhava pelo Rio de Janeiro sempre acompanhado do matulão feito de lona grossa, resistente, que acompanha todo andarilho quando bota o pé na estrada. Só que em vez das provisões que o viajante leva para suprir a fome e a sede das longas viagens, o matulão de Maxado estava sempre bem suprido de folhetos, recortes de jornais, livros – mais

as indispensáveis folhas de papel, lápis e caneta esferográfica, pois a qualquer momento a musa inspiradora poderia se intrometer obrigando-o a registrar o roteiro de um folheto ou mesmo as ideias iniciais de um conto ou poesia ou canção.

Nesta manhã de verão o poeta percorria as ruas do bairro de Copacabana, mas não estava a lazer ou fazendo turismo. Com um pedaço de papel na mão procura o endereço nele escrito: Rua Conselheiro Lafayette, 60, perto das ruas Bulhões de Carvalho e Joaquim Nabuco, ao final da Rua Francisco Sá – segundo instruções que recebeu do jornaleiro. Era uma Copacabana diferente que se via ali: ruas arborizadas, silenciosas, longe do burburinho do trânsito, clima ameno mesmo no auge do verão.

Chegando ao local o poeta olhou o prédio: um edifício de seis andares com uma só varanda no primeiro andar. Na calçada em frente, uma fileira de frondosas amendoeiras e mais adiante uma pracinha circular, carros estacionados, mas de pouca circulação de veículos. Maxado se dirigiu ao porteiro, nordestino como ele, que se apresentou como João Soares:

– É aqui que mora o poeta Carlos Drummond de Andrade?

– É sim.

– Então me faça o favor de dizer-lhe que seu colega, Maxado Nordestino, pueta popular nordestino, está aqui e veio cumprimentá-lo.

Nessa primeira visita Maxado veio em socorro da permanência da Feira de São Cristóvão, reduto nordestino encravado no Bairro Imperial, instalado ao redor do Pavilhão de São Cristóvão. Esse pavilhão, obra do arquiteto Sérgio Bernardes, encontrava-se em estado de abandono. Uma incipiente associação de feirantes – sem poder político – tentou, em vão, tomar posse do imóvel e ali colocar a feira, um lugar mais nobre, salutar, menos insalubre que o terreiro poeirento que então ocupava.

Para cortar esse avanço pela raiz a Prefeitura e a Associação Comercial do Rio de Janeiro se reuniram para instalar no pavilhão um centro da indústria têxtil, expulsando as barracas do entorno e extinguindo a já famosa "feira dos paraíbas". Os poetas e feirantes se

defenderam com unhas e dentes. O cronista assumiu a proa ao lado do comandante:

Na feira, um pedaço do Brasil

O assunto é localíssimo, só devia interessar ao bairro a que se refere, mas na realidade interessa a todo o Nordeste. E, por extensão, ao país, se somos de fato uma federação. Por isso não me acanho de ventilá-lo aqui. Seguinte: querem acabar com a feira de São Cristóvão.

Quem mora no Rio de Janeiro sabe que essa feira só não é o cartão de visitas porque é uma carta alentada, de muitas páginas, contendo muitos recados, informações e lembretes, do Nordeste do Brasil à gente carioca, nacional e estrangeira, que vive sob o signo do Corcovado. É ver e conferir. Ali não se vendem apenas artigos de fabricação nordestina. Ali os nordestinos se reúnem para matar saudades da terra distante e comunicar-se com o resto do país. Não haverá em nosso vasto território muitas outras manifestações coletivas iguais a esta, em que se pulverizam as separações geográficas e as friezas do coração desconfiado. É uma feira de coração aberto, musical, em que a alma sofrida do nordestino encontra e distribui paz e alegria.

Pois querem acabar com a feira. Recebo a notícia pela voz de Franklin Maxado Nordestino, o poeta com x, que nos fala da Barraca do Mano Poeta, onde se sevem bebidas, comidas e versos típicos, do gênero cordel. E a notícia é tão alarmante que Maxado lançou mão do folheto para protestar contra a ideia infeliz:

Eu não sei por quais pragas
Perseguem os nordestinos.
Quando não é o mau tempo
Ou a trilha dos destinos,
São poderosos políticos
Em casos específicos,
Cometendo desatinos.

Agora mesmo ameaçam
Bulir com quem está quieta.
Querem acabar com a Feira
De São Cristóvão, na certa.
Toda manhã dos domingos
Irrita seus inimigos
E o seu cerco se aperta.

Por que essa implicância? O vate popular esclarece:

> Vêm com desculpa de grana
> E transtorno no local,
> Reclamações de bairristas,
> Esquecendo o que é real.
> A Feira Nordestina é
> Um evento nacional.

Maxado relata como se instituiu a Feira. Os caminhões de paus-de-arara que fugiam da seca, por volta de 1945, paravam em São Cristóvão, onde agenciadores de empregos humildes os aguardavam com ofertas. Formou-se aí um acampamento onde se faziam trocas de objetos nordestinos por outros cariocas. Quem já morava no Rio comparecia lá para visitar os recém-chegados. A Feira surgiu por artes de João Batista da Costa, o paraibano João Gordo, "que era quase um cigano/Comerciando com tudo,/Embora não tendo estudo, Ele não fazia engano".

Era a "Feira dos Paraíbas", ilegal, não pagando tributos e perseguida por fiscais, que baixavam o pau. O defensor dos pobres-diabos apareceu na pessoa de Manuel Alexandre Alves, que organizou a bagunça, formando dezenas de banquinhas e distribuindo carteiras. Seu esforço, porém, malogrou-se. Novos desentendimentos, Manuel preso, feira extinta. Ela renasceu com Esperidião Agra, criador da Associação de Proteção ao Nordestino, depois substituído pelo filho Vavá "Tocando a feira no trilho/Para que o poder não mame". Porque o Poder gosta de mamar até nas tetas do pobre.

Aí a Feira cresceu, atraindo jornalistas, pesquisadores sociais, turistas, que

> Vêm tomar sua cerveja,
> Comer a boa buchada,
> Mocotó, fato de boi,
> Caldinho ou feijoada,
> Ou então sarapatel
> Ou ouvir o menestrel
> Cantar uma vaquejada.

E não só isso: o bom comedor ali encontra requeijão, acarajé, carne de sol com farofa ou cará, peixe frito, milho assado, galinha de ensopado, carne seca ou jabá. O visitante encontra "as nossas morenas", dança forró e baião, curte poesia do Azulão. Há xilogravuras de Erivaldo, artesanato de barro, ferro e madeira. A turma de

poetas é da pesada; tem o Apolónio, o Elias, o Gonçalo, o Sá, o Mocó. Pra que mais? A Feira é um miniuniverso nordestino.

Por isso Maxado a defende e pede ao vice Darcy Ribeiro, nordestino de Minas Gerais, que a deixe funcionar. E mais:

Aconselhe ao Seu Brizola
A trazer seu chimarrão,
Suas calças de bombacha
Para ser mais atração.
Na Feira do meu Nordeste
Realizada no Leste
No Campo de São Cristóvão.

Faço meu o pedido do poeta. (Jornal do Brasil, 18/9/1984).

III

Mais de um ano se passou e o projeto dos políticos e empresários para o Pavilhão de São Cristóvão não saiu do papel: os custos de instalação e da corrupção se mostraram impagáveis. O centro têxtil-industrial naufragou e os feirantes, cantadores, barraqueiros e poetas populares por fim tomaram posse do célebre pavilhão de Sérgio Bernardes.

Foi assim que o 'pueta' Franklin Maxado se tornou amigo e admirador de Drummond (a quem chamava 'colega' na poesia). Através de Horácio de Almeida, de Orígenes Lessa, amigos íntimos da Casa de Rui Barbosa, a quem convidava sempre que havia reunião ou evento que incluísse poetas populares, Carlos Drummond de Andrade se fez íntimo da poesia de cordel.

O poeta Franklin Maxado, que é jornalista de profissão, se voltou para a poesia quando sofreu um desastre amoroso que tirou a força e o uso da razão, da qual só voltou a se servir para escrever suas sextilhas. Como bom bahiano, Maxado virou andarilho de cidades, amigos, compadres, bairros e biroscas, sempre com o matulão cheio de folhetos cruzado no peito e com o canto do vate nordestino em sua garganta ressecada. O itinerário principal era o eixo Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia...

A cena inicialmente citada se passou no ano de 1973 no Rio de Janeiro – como está dito – no prédio em que residia o poeta Carlos Drummond de Andrade e se tornou comum ser repetido de vez em quando. Muitos escritores brasileiros mantêm estreito vínculo com autores populares, a grande maioria, porém, para sugar ali e acolá o sumo de ideias que irão utilizar em suas obras. Drummond jamais recusou receber os colegas e Franklin Maxado foi homenageado com mais de uma bela crônica.

O programa de um candidato poeta

Nossos poetas populares, no momento, dividem suas aspirações entre a dinamização da Academia Brasileira do Cordel e Cantoria e a conquista da Presidência da República na sucessão do General Figueiredo. Ou, antes, não dividem, pois as duas metas são perfeitamente conciliáveis. Como a Academia ê abstrata e a Presidência concreta, nada Impede que os acadêmicos se mobilizem para alcançar o mais alto posto da Nação, na pessoa física de um deles. O candidato, como se sabe, já foi lançado. É o poeta Franklin Maxado Nordestino, cujo programa de governo tive ensejo de divulgar em linhas gerais.

Dois poetas estão à frente do movimento pró-Maxado: Sá de João Pessoa e Raimundo Silva. Ambos acabam de editar folhetos em defesa da causa político-poética, ou poético-política. O primeiro, na previsão da vitória, cuidou de recomendar nomes para a composição do futuro Ministério:

Maxado para Presidente,
Aceite esta sugestão.
Dê a Rodolfo Cavalcante,
Trovador de grande ação,
Um Ministério de Arte,
Ou da Comunicação.

A pasta da Fazenda, na opinião de Sá, ficará bem nas mãos do poeta Apolônio, "homem que manja de renda /grande ministeriável/é verdade, não é lenda". O homem para o Ministério da Previdência Social é Raimundo de Santa Helena, "que tem alguma ciência/pra assumir o Ministério". Expedito ficará bem no Ministério da Justiça: "Ele não foge da liça,/respeitará o humilde,/que sofre tanta injustiça". Finalmente, "ponha o Gonçalo Ferreira/na pasta da Agricultura,/que ele gosta da terra/com grande amor e ternura".

Os demais Ministérios, Sá de João Pessoa entrega-os à livre escolha da Presidência, uma vez que deixa de referi-los no folheto. Ou o poeta agiu com prudência, deixando de lembrar colegas para funções mais delicadas, como por exemplo as militares?

O outro paladino da candidatura Maxado – o cordelista Raimundo Silva – abstém-se de fazer indicações para a equipe governamental. Prefere ocupar-se de uma estrutura partidária que dê respaldo à atuação político-administrativa do Presidente-poeta. E informa que esse objetivo já é realidade:

Em 2 de julho, lançou, juntamente com Joseph Luyten, Antônio Amaury Araújo e José Andrade, o pré-manifesto de Fundação do P.K. (Partido Kordelista) que apoiará Maxado. Esse documento adota ortografia especial, justificando-a: "Eskrevemos komo falamos./Asim Brasil" é com z,/komo nos xamam os iankes". Como o jornal mantém a forma corrente de grafia das palavras, peço licença para fazer as citações na forma comum. Eis aqui alguns pontos programáticos do novo partido:

A nudez será permitida
Porque somos liberais,
Levando-se em consideração
Nossas finanças atuais
E nossas maneiras práticas
Pelas condições climáticas
Próprias dos tropicais.

Criaremos a Pratobrás
Diminuindo a importação
De trigo, maçã e peras,
Fazendo substituição
Por macaxeira e banana,
Mandioca, aipim e cana,
Milho, inhame e fruta-pão.

Não haverá mais fome, e com isto acabará a violência, ficando a Pratobrás incumbida do sustento dos poetas e "cantadores de ciência". Com ironia, a comissão fundadora confessa "que somos financiados/pelo poder que nos manda/do tal imperialismo/de potências como Uganda/Haiti, Bangla Desh, Bolívia/Suriname, Gana, Namíbia,/Alto Volta e Ruanda", e também "Sri Lanka, Mônaco/e outras menos importantes/porque temos todas as raças/na pele dos habitantes".

Por se tratar de pré-manifesto, seus signatários entendem que todos devem opinar para o seu aperfeiçoamento: "de loucos ao homem ativo,/crianças e ignorantes/analfabetos e infantes/e outro qualquer ser vivo". Já o folheto da autoria exclusiva de Raimundo Silva, "Pela formação do P.K.", prevê que "com os poetas governando/o índio vai ter vez/a Funai sem coronel/o negro vai ser respeitado/camponês com seu roçado/sem dar lucro pro burguês".

Educação de caráter brasileiro "que hoje está entregue/ao modelo do gringão", e divisão da terra entre os "camponeses maltratados" constituem outras reivindicações do partido.

Raimundo cita Fernando Pessoa, sem nomeá-lo: "Há um ditado que diz/que o poeta é também/um grande fingidor/porque tá sempre além/sacando o que tem atrás/do seu e além do mais/captando muito bem".

Quem ler com atenção a brincalhona mas corajosa poesia popular brasileira percebe que, sob o humilde revestimento de versos setissílabos ou do martelo galopante, nossos cordelistas, eles têm consciência de realidade nacional e fazem a seu modo uma crítica social e política que fere fundo nossa hipocrisia cívica — e isto, na maioria dos casos, a poesia chamada culta não sabe ou não pretende fazer. (Jornal do Brasil , Caderno B, 19/07/1983).

IV

Igual a Ariano Suassuna, Orígenes Lessa, João Cabral de Melo Netos e outros autores, Carlos Drummond de Andrade também sofreu alguma influência da literatura de cordel, só que em dose menor, já que Drummond pouco se utilizava de temas populares para ilustrar seus dizeres poéticos: utilizou-os, sim, nas crônicas. Mas o poeta manteve desde sempre certa ligação com a poesia popular, ainda que para estudo e conhecimento.

Na crônica "Precisa-se de uma autoridade" (Jornal do Brasil, 13/03/1975), Drummond revela uma das fontes de onde provinha sua intimidade com a literatura de cordel:

O caso é que há um tempão eu não via Marcelino Valério de Sousa, meu fornecedor de literatura de cordel na Praça da República, junto à passagem subterrânea. Sabia que ele mudara o seu comércio para a feira de São Cristóvão, aonde não chegam os meus passos. Eis que Marcelino me bate à porta. Naturalmente

mais velho, observação que ele deve ter feito igualmente com relação a mim. E com ar de cansaço.

– Marcelino, como vai esse pescador de almas? Que que há com esse andarilho de Deus?

Porque Marcelino só na superfície é, ou era, vendedor de folhetos de poesia popular. Sua verdadeira profissão é poeta místico, andarilho de Deus e pescador de almas. O primeiro título, dado por mim; os outros dois, por ele mesmo. Seu sentimento religioso marcou seu destino. Depois de colocar os folhetos alheios, pede licença para revelar-nos sua missão:

Apresento meu retrato
com uma Bíblia na mão.
Encaminhado por Jesus
para obter salvação
eu vim aqui por passagens
entregar essas mensagens
para o Vosso Coração.

Tão puras são as mensagens de Marcelino aos infiéis e aos incrédulos que um dia, ao oferecer-se alguém para lhes dar um pouco mais de técnica literária, ele, sem empáfia, recusou. O que Jesus lhe soprou não poderia ser desvirtuado por literatos formalistas.

O assunto da crônica não é literatura de cordel. Marcelino veio pedir ajuda para se inscrever como profissional autônomo e precisava da declaração "de uma autoridade". Drummond faz ver que seu aval não serviria de nada, pois ele não era nenhuma "autoridade" – daí o título da crônica. Pelo teor também se infere que nessa época o poeta deveria estar trabalhando na Rádio MEC, que ficava na Praça da República. Mas a poesia popular viria a servir de tema a outra crônica, de caráter humorístico, na qual Drummond usa expressões, nomes e autores de cordel para ilustrar a despedida entre pai e filho:

Despedida de Cordel

– Não vá seguir o exemplo do homem que atirou na chuva.

– Eu, hem? Prefiro assistir ao casamento do calangro com a lagartixa.

– Mas sem levar o cachorro dos mortos.

– Cruz credo!

– Outra coisa. Fuja da mulher que engoliu um par de tamancos com ciúmes do marido.

– Escutei.

– Não monte de jeito nenhum no cavalo do ateu.

– Monto não senhor.

– Prefira o cavalo voador de Julieta e Custódio.

– Eu peço emprestado a eles.

– Olhe, filho, nunca deixe de ouvir a voz do Padre Cícero.

– Agora e sempre.

– Se topar no caminho com a Princesa da Pedra Fria...

– Quê que eu faço?

– Junto com o gigante Quebra-Osso que saiu do castelo mal-assombrado...

– Tou com medo.

– Levando num saco o pavão misterioso.

– Pra comer?

– Conforme a profecia de Frei Herculano a contar de 53 a 56...

– Mas quê que eu faço, diga!

– Dê a volta e vá prevenir João Canguçu no Engenho Gameleira.

– E se ele não estiver lá?

– Ande mais dez léguas e avise Jerônimo Rei do Sertão.

– E se ele também não estiver?

– Aí você apela pra Menina que morreu em Caicó e depois de 20 horas enviveceu e falou contra o comunismo e o protestantismo.

– Tou ciente.

– Tome tenência com as moças, filho.

– Todas?

– Principalmente com a moça que dançou com o Diabo cantando "Cintura Fina".

– Não levo ela ao forró de jeito nenhum.

– E a moça que pisou Santo Antônio no pilão pra casar com um boiadeiro.

– Virgem!

– A que virou porca porque deu na mãe na sexta-feira da Paixão.

– Esconjuro!

– A que virou cobra.

– Virou por quê?

– Eu é que sei? Vai ver que não escutou a voz da mãe no filme Pecado em Pecado.

– E com certeza seguiu os 20 mandamentos da lei de Satanás.

– Isso. Não facilite com Cancão de Fogo, mas pare pra escutar o cego Aderaldo.

– Ah, esse eu aprecio.

– Você se instrui filho, prestando atenção nas pelejas de Bernardo Nogueira com Preto Limão, de Severino Borges com Patativa do Norte, de Manuel Tromba Suja com João Gogó de Sebo.

– Tirarei proveito.

– De Alexandre Torto com Manuel Cabeceira, de Chico Buriti com Dedé do Iguatu, de Rui Barbosa com Castro Alves.

– Êta dois!

– João Grilo, José do Telhado, esses caras, nem pra pedir fósforo a eles, entendido?

– E confirmado.

– Agora, uma prosa com Zé Fominha, o homem que engoliu um navio, isso não tem perigo. Distrai.

– Lá isso é.

– Não fique enxerindo pra saber como sargento Machado foi vencido em Cacimba de Dentro por Belmiro Costa.

– Não vou me meter.

– Nem fique excogitando a chegada de Lampião e de Antônio Silvino no inferno. Capaz deles não estarem lá.

– O senhor acha?

– Nada de escutar o sino da torre negra

– Tapo o ouvido.

– Me esquecia: carece tornar tento com as lábias do Coré Mãozinha. Olhe que Zé Bico Doce é o rei da malandragem.

– Eu sei.

– Não faça negócio com o marido que trocou a mulher por uma burra leiteira, que ele também não é boa bisca.

– É mesmo.

– Tenha na memória que a guerra do Juazeiro em 14 acabou e não volta.

– Louvado seja Deus.

– Amém. Finalmente, rapaz, seja sempre o defensor da honra e nunca o Barba-Azul do sertão.

– Deixe comigo.

– Agora vai, filho. Mas antes de botar o pé na estrada, passe na casa de compadre Horácio de Almeida e na casa do compadre Sebastião Nunes Batista e dê um abração neles por mim. Que a alma do padrinho Padre Cícero te acompanhe por locas e bibocas do mundaréu, e que a do finado Leandro Gomes de Barros esteja sempre à sua direita! (Jornal do Brasil, 08/11/1975).

V

Carlos Drummond de Andrade terá para sempre a simpatia e o conhecimento da poesia popular, incrementados não só através da íntima amizade com Horácio de Almeida e Orígenes Lessa, mas também ao conhecer o trabalho importante e incansável de Sebastião Nunes Batista.

Sebastião era filho de Francisco das Chagas Batista, patriarca de uma linhagem de cantadores e poetas, entre os quais, Agostinho, Nicanandro e Hugolino Nunes, glosadores do Teixeira (PB), o cantador Antônio Batista Guedes, os poetas Manuel Sabino Batista, Pedro Batista e Raimundo Nonato Batista. Os irmãos de Sebastião, Luís, Pedro, Maria das Neves e Paulo Nunes Batista também se dedicaram à poesia e cultura popular.

Não se pode desprezar como fonte de conhecimento a longa amizade e correspondência que Drummond manteve com Mário de Andrade, conhecido por cooptar jovens escritores para a sua bíblia estética. Mário de Andrade – que tinha em Luís da Câmara Cascudo o provedor de poesia e cultura popular – já tinha usado elementos da literatura de cordel entre as fontes de criação do seu herói sem nenhum

caráter, Macunaíma – que alguns se atrevem a nomear como o próprio João Grilo.

Exagero à parte, sabe-se que Drummond conhecia folhetos clássicos, como "A vida de Cancão de Fogo e seu testamento", de Leandro Gomes de Barros; "Proezas de João Grilo", de João Ferreira de Lima e João Martins de Ataíde; "As palhaçadas de Pedro Malazartes", de Francisco Sales Arêda; "O sabido sem estudos" e "As aventuras de Pedro Quengo", de Manoel Camilo dos Santos. Não por coincidência, Drummond tornou-se fã de Leandro Gomes de Barros, para ele o verdadeiro Príncipe dos Poetas Brasileiros – e não Olavo Bilac.

Sob a batuta de Sebastião Nunes Batista a Casa de Rui Barbosa, não só aumentou em milhares de volumes o acervo de literatura cordel, mas também recebeu catalogação de padrão internacional. Ele foi também responsável pela organização e publicação das antologias da coleção "*Literatura popular em verso*" e autor da imprescindível "*Bibliografia Prévia de Leandro Gomes de Barros*", na qual recupera a autoria de diversos folhetos, já descaracterizados pelo tempo e por editores-proprietários como João Martins de Ataíde e José Bernardo da Silva.

Por isso, não é de admirar que a homenagem que os poetas populares fizeram a Orígenes Lessa pela passagem do seu octogésimo aniversário na Casa de Rui Barbosa deixasse Carlos Drummond empolgado com o filão. Emocionou-o ver aquela expressão de carinho, vinda da parte mais *pobre* da poesia brasileira, para expressar as mais sinceras homenagens ao escritor consagrado e membro da ABL, Orígenes Lessa.

Na ocasião Drummond conheceu, entre outros, Franklin Maxado, Zé Andrade, Marcelo Soares, Raimundo Silva, José João dos Santos, o Azulão – o maior poeta popular do Rio de Janeiro – Sá de João Pessoa, Expedito F. Silva, Apolônio Alves dos Santos, Gonçalo Ferreira da Silva – que na época ponteavam na Feira de São Cristóvão todos os sábados e domingos.

Todos esses poetas, xilogravadores e artistas populares foram recebidos, cercaram com admiração a Orígenes Lessa, ao mesmo tempo em que volteavam com simplicidade entre intelectuais do naipe de Carlos Drummond, Homero Senna, Américo Jacobina Lacombe, Adriano da

Gama Kury, entre outros. Eram dois lados da cultura brasileira que estavam ali representados. Drummond registrou a festa:

Os poetas estão com toda força

Na Casa de Rui Barbosa, vai-se tornando hábito a comemoração do 80º aniversário de escritores brasileiros. É mais uma atividade educativa dessa casa de cultura, que assim aproxima autor e público, numa visão geral de vida e obra daquele.

Esta semana foi a vez de Orígenes Lessa, contemplado com sugestiva exposição de suas obras (entre edições originais, reedições e traduções para diversas línguas, em número superior aos 80 de sua idade), além de fotos e documentos variados.

Homenagem que ninguém poderia chamar de injusta ou exagerada. Orígenes é dos escritores que dignificam entre nós o ofício das letras, pelos seus dons criativos e por sua postura ética. Francisco de Asais Barbosa, ao saudá-lo, acentuou os serviços que ele vem prestando à comunidade, com sua arte de falar Igualmente a adultos e a crianças. E ainda com o trabalho que empreendeu para valorizar a poesia popular brasileira.

Multa gente acudiu à abertura da exposição. Não faltaram cordelistas e repentistas que a mim deixaram impressão viva: a de que atingimos finalmente um grau de evolução cultural em que um escritor de formação erudita é amado pelos cantores de feira. Foi tocante ver Raimundo de Santa Helena, Sá de João Pessoa, Franklin Maxado, o legendário Azulão e outros, cercando o titular da Academia Brasileira de Letras, que de camisa esporte em vez de fardão mirabolante, enfrentava com galhardia tanto os 80 anos como a vibração do festejo.

Cordelistas não dormem em serviço. Ali mesmo, enquanto Orígenes autografava, eles, com seus improvisos e violas adestrados, distribuíam suas produções mais recentes, como sempre vinculadas à atualidade. Notei que dois temas ocupam hoje a atenção de nossos poetas populares: a criação de uma Academia Brasileira de Cordelistas e a candidatura de um deles à Presidência da República. Como variante do primeiro assunto, cogitam também da candidatura de um cordelista à Academia Brasileira de Letras, para o que já foram dados passos iniciais.

Sá de João Pessoa dá prioridade à fundação do grêmio cordelista. Chega a afirmar, no título de seu novo folheto: "Está fundada a Academia". Pede a bênção das musas para a instituição e proclama:

É hora de haver união
Para esse nosso mister.
A criação da A.B.C.
Há muito o tempo requer
Para que o poeta fique
No lugar que o povo quer.

Informa a seguir que a "pedra fundamental" foi lançada num domingo na feira de São Cristóvão e brindada "com cachaça,/e carne-seca e feijão". A ideia partiu de Zé Andrade. Quanto à organização:

Deus já foi convocado
Pra fazer o estatuto.
Se Ele não puder vir.
Que mande um substituto.

O representante divino – está na cara – só pode ser o grande Leandro Gomes de Barros, de venerada memória, e pioneiro da poesia de cordel. Será o patrono. "merece esse trono". Outras cadeiras, porém, "serão livres, não têm dono"...

Assim:

Pra entrar na Academia
Nem precisa instrução
Basta ser Cordelista
Da cidade ou do sertão
Mexeu com cordel tá lá
Mesmo que seja intrujão.

Só que "tem de ser bom no repente,/bom tocador de viola,/um bamba na aguardente,/triângulo, sanfona e bumbo". Também podem entrar xilógrafos e ilustradores. A sessão começa na alvorada e vai dia afora, "invadindo a madrugada./O ano vai-se passando/e nunca é encerrada". A sede acadêmica "tem como teto o céu,/as cortinas são de estrelas,/as nuvens são como véu,/o seu hino é declamado no repente do cordel". A sede dispõe de 620 bares e milhares de cadeiras para os Imortais que se exercitem "na viola e no cordel,/no aboio e no berrante".

O poeta conclui informando que seu colega Maxado Nordestino achou boa a ideia e vem "participar da lida". Porem Maxado tem outra pretensão poético-política, tal como informei em crônica passada: é candidato, como Andreazza, Maluf e outras figuras, a Presidente da República E Sá de João Pessoa apoia a sua candidatura, em

outro folheto a que deu o titulo "Maxado pra presidente". Sobre ele falarei na próxima, pois os poetas de cordel estão cada vez na ordem do dia, e quem sabe se um deles botará ordem no país.

Acho que devemos considerar válida a alternativa: um poeta no poder. E cordelista, ainda por cima. Temos tido tantos prosadores, de paletó ou farda, nesse posto. Por que não experimentar um poeta, ainda mais representante genuíno do nosso povo mais sofrido e mais impregnado de poesia, apesar de todos os decretos, pacotes, desindexações e o diabo em figura de crise?

Os poetas populares, com toda a força, integraram-se na sociedade brasileira, e passaram a ocupar espaço cultural nas grandes cidades. (Jornal do Brasil, 16/07/1983).

VI

A política passava pela abertura democrática. Franklin Maxado e Raimundo Silva vieram de São Paulo trazendo duas novidades: a fundação do Partido Kordelista Brasileiro, o apoio à campanha das "Diretas Já" e o lançamento da candidatura de um poeta popular à Presidência da República. Juntos com os poetas, os artistas do Rio de Janeiro – entre eles, Zé Andrade, Ciro Fernandes e Marcelo Soares, ligados ao cordel pelas capas de folhetos em xilogravura – adotaram prontamente a iniciativa, comprometendo-se a publicar folhetos e promover atos em defesa da democracia. Essa história ficou registrada com a avalanche de folhetos publicados e divulgados.

Tudo isso repercutiu entre poetas e escritores que pesquisavam a literatura de cordel, usando-a como tema para seus escritos. Também Carlos Drummond de Andrade se apoiou no tema para encaixá-lo nesta crônica:

Surge mais um presidenciável

Não será por falta de cidadãos dispostos ao sacrifício de presidir a República que o General Figueiredo deixará de ter sucessor. Só para falar no PDS, sete pré-candidatos foram submetidos pelo Jornal do Brasil ao teste de pesquisa entre os convencionais do partido oficial. O pré-Paulo perdeu para o pré-Mário, mas isso não quer dizer que o candidato oficial já esteja escolhido, pois passa muita água debaixo da ponte Rio-Niterói ou de quaisquer outras pontes.

Surgirão outros "prés", dos demais partidos, tornando mais variado ainda o leque de opções. Posso mesmo informar que há outro aspirante no momento, com a singularidade de não pertencer a partido algum e, em consequência, em condições de interessar a todos. Com a vantagem, que me parece relevante, de já ter o seu programa de governo escrito, publicado e até metrificado. Nenhum dos nomes até agora autolembrados fez isto. E quando o fizerem, duvido que o façam em verso, como Franklin Maxado Nordestino.

Recebi e li com a devida atenção sua plataforma, apresentada sob a forma de folheto de cordel, editado em São Paulo. Alegando contar vinte anos no ofício de poeta popular, ter mais de quarenta de idade, descender de português misturado com mulato e índio, ser natural da Bahia ("se a Bahia nunca deu/Presidente da República – o primeiro será eu") e reservista, Maxado declara, no título do seu cordel: "Eu também sou presidenciável". Entende que os presidenciáveis conhecidos até agora "se julgam os batutas/só porque são afilhados/sem saberem das labutas./Querem ser vaidosos/e não tem nenhum programa".

Ele, como disse, tem um, que começa pela reforma agrária "pra se sair da desgrama", e cai de foice sobre os privilégios, a começar pelos das elites intelectuais:

Intelectual vai ter
De pegar na picareta,
Na enxada, na estrovenga,
No machado, na enxadeta,
No martelo e no serrote
Sem fazer feia careta.

E prossegue, alargando as diretivas:

Mando esses doutorzinhos
Todos plantarem batatas.
Acabo com esse negócio
De exportar as mulatas
Para os gajos das estranjas
Que levam as nossas pratas.

Maxado promete fechar as fronteiras, pondo as forças armadas em estado de alerta, para que não saiam "nem ouro e nem peixadas" e impedindo que nossos patrícios da alta se convertam em turistas "pra gastar/lá fora suas mamadas". Sobre o problema nº 1 do momento, anuncia:

Sobre a externa dívida,
Simplesmente dou calotes,
Pois os gringos já levaram
Suas partes, dando trotes,
Com juros e correções
Embrulhados em pacotes.

Criará o imposto único. "que é a taxa de renda./Só paga quem tem seus lucros./Quem não tem, que se defenda./E quem não me respeitar./Eu decreto que se prenda".

Esse regime de extrema severidade não exclui, entretanto, a solidariedade internacional bem definida. Maxado promete ajudar nossos irmãos "de todo mundo terceiro/principalmente os latinos". Defenderá os direitos dos índios e das minorias homossexuais, não esquecendo a discriminação racial. Será favorável ao voto do analfabeto; que tem a "cultura oral/não é um ignorante", e lutará pela ecologia. Embora presidencialista como Reagan, não aceita o seu capitalismo, preferindo alinhar-se com Senghor e Agostinho, Presidentes do Senegal e de Angola.

A tese referente à dívida externa é desenvolvida em outro folheto, "Vamos dar o calote para sobrevivermos", que abre com este raciocínio político:

O povo só vive simples,
Sem nada sofisticado.
E por que tem de pagar
A dívida do Estado,
Quando não escolheu nomes
Para ser representado?

O poeta insurge-se contra a agiotagem internacional, que capitaliza juros e mais juros, condena os empréstimos obtidos para a realização de obras faraônicas "de fachada, sem servir", enquanto o povo vive de subsalários "que não dão pra alimentar,/sem assistência sócio-médica/como trecos de muar", enquanto, impunemente, "as multis derrubam matas,/poluem rios e mares,/matando a fauna e a flora,/envenenando os ares". Multis que sabotam a substituição do petróleo pelo álcool, ou senão "querem entrar no negócio/dominando a plantação/de cana e as usinas,/e, se produzem o álcool,/viram latifundiárias /expulsando mais o povo/pra favela marginália,/e assim aumenta mais/a população carcerária".

Esta é a plataforma de Franklin Maxado Nordestino. Os pré-candidatos pessedistas em fase de amostragem que se cuidem. O poeta não é de brincadeira.

Duvido que outros competidores mostrem a mesma bravura que ele. (Jornal do Brasil, 24/6/1983).

VII

Nessa ocasião, sem sombra de dúvida, a literatura de cordel era a maior influência de Drummond – que já tinha comentado a poesia popular em várias ocasiões, em especial a favor de Leandro Gomes de Barros, quando da eleição de Olavo Bilac como príncipe dos poetas brasileiros e em defesa dos cordelistas do Rio de Janeiro na discussão sobre o verbete "Literatura de Cordel" oriundo do Dicionário Contemporâneo, de Caldas Aulete e adotado *ipsis litteris* pelo Dicionário Escolar do Ministério da Educação.

A virulenta oposição dos poetas contra a expressão "*literatura de pouco ou nenhum valor*" recebeu apoio de Carlos Drummond de Andrade, Ariano Suassuna, Orígenes Lessa e muitos outros. Drummond, em crônica no Jornal do Brasil de 21/08/1982, defendeu a causa:

"A expressão 'cordel' não é mais pejorativa – escreveu o poeta – *não custa ao MEC rever, em edição futura, o verbete desatualizado".*

A crônica sobre a eleição do Príncipe dos Poetas repercutiu em áreas literárias opostas às patrocinadas pelas entidades oficiais, academias, clubes e associações literárias:

Leandro, o poeta

Em 1913, certamente mal Informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado a má informação porque o título, a ser concedido, só podia caber a Leandro Gomes de Barros, nome desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista Fon-Fon!, mas vastamente popular no Norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor do "Ouvir Estrelas".

Nascido na Paraíba no mesmo ano em que Bilac no Rio de Janeiro (1865), Leandro viria a falecer em 1918, também como Bilac, e nisso está a correlação única entre os dois. O carioca deve ter ignorado a existência do paraibano, como a ignoraram os 173 votantes e, provavelmente, 66 escritores que se abstiveram de escolher um príncipe para a nossa poesia. Com duas exceções apenas: João Ribeiro e Silvio Romero, estudiosos de poesia popular, a que o nome de Leandro não seria

estranho. Mas os dois não tomaram conhecimento da ideia de se instituir principado de poesia na república das letras.

Barros tem 237 obras catalogadas por Sebastião Nunes Batista e Hugolino de Sena Batista, em bibliografia editada pela Biblioteca Nacional. Calcula-se, porém, em mais de mil o número de suas produções. É impossível dizer ao certo a quanto monta sua obra poética, pois ela foi mudando de autoria à proporção que se reeditava, após a morte do autor, em consequência de sucessivas transferências de propriedade dos direitos. Hoje Leandro chama-se também João Martins de Ataíde e José Bernardo da Silva. Ou se chama Ninguém, com indicação somente da tipografia editora. As edições originais, com o nome dele, constituem raridade, guardadas com zelo em poucas bibliotecas. A maior coleção pode ser vista na Casa de Rui Barbosa, que vem fazendo perseverante e notável trabalho de pesquisa e classificação da literatura popular brasileira em verso.

E aqui desfaço a perplexidade que algum leitor não familiarizado com o assunto estará sentindo, ao ver defrontados os nomes de Olavo Bilac e Leandro Gomes de Barros. Um é poeta erudito, produto de cultura urbana e burguesia média; o outro, planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Aquele tinha livros admirados nas rodas sociais, e os salões o recebiam com flores. Este espalhava seus versos em folhetos de cordel, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos nas feiras a um público de alpercatas ou de pé no chão.

A poesia parnasiana de Bilac, bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem-estar social, bebia inspiração europeia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder politico, econômico e mundano. A de Leandro, pobre de ritmos, isenta de lavores musicais, sem apoio livresco, era a que tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta, e necessitados de ver convertida e sublimada em canto a mesquinharia da vida.

Leandro foi o grande consolador e animador de seus compatrícios, aos quais servia sonho e sátira, passando em revista acontecimentos fabulosos e cenas do dia a dia, falando-lhes tanto do boi misterioso, filho de vaca feiticeira, que não era outro senão o demo, como do real e presente Antônio Silvino, êmulo de Lampião.

Antônio Silvino, rei dos cangaceiros, os cálculos de Antônio Silvino, como Antônio Silvino fez o diabo chocar, exclamações de Antônio Silvino na cadeia – nada lhe escapou, e ainda trouxe ao prazer de seus leitores a ardilosa figura de Cancão de Fogo, rezou o padre-nosso do imposto, descreveu as mulheres conforme seus sinais, desfez a intriga da aguardente, fez ouvir os latidos do cachorro dos mortos,

glosou a carestia da vida, a dor de barriga de um noivo, o homem que subiu em aeroplano até a lua... Livre, indómito, orgulhoso:

> *Eu cá só devo favor*
> *ao sol e à água do rio,*
> *à água porque eu bebo*
> *e tomo banho no estio,*
> *devo ao sol porque me esquenta*
> *nas horas que tenho frio.*

Uma oportunidade de ler parte da obra de Leandro surge com a publicação, pela Casa de Rui Barbosa, da antologia, tomo II, Literatura Popular em Verso, contendo reprodução fac-similar de 12 de seus folhetos. Valoriza-a excelente prefácio de mestre Horácio de Almeida, que conhece como raros a literatura de cordel, e aplica a seu estudo consciência critica apurada. Viva Leandro, que volta com força total! Não foi príncipe de poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão e do Brasil em estado puro. (Jornal do Brasil, 09/09/1976).

VIII

A notícia que serviu de mote para feitura do famoso poema-cordel *Estória de João-Joana*, de Carlos Drummond de Andrade, espantou o país na década de 1960, mas o fato é recorrente no interior ainda em pleno século 21. Todo dia sai notícia no jornal de fatos iguais, o que reflete ser próprio da educação interiorana – mães que protegem as filhas:

"A menina de dois anos que foi registrada com o nome de Paulo em Goiás e ainda não tem nome feminino".

"O filho que disse à mãe: – Alguma coisa deu errado na sua barriga e me fez sair menino em vez de menina".

"Quando perguntam se sou menino ou menina, eu respondo que sou apenas uma criança".

"A menina que foi criada pela mãe como menino, para não sofrer a violência que ela mesma foi vítima".

"O filho que quer voltar para dentro da barriga da mãe para sair menina".

É esse o tipo de ocorrência, o tema chamativo que atrai o poeta popular: é sucesso na certa! Mas como um poeta clássico escreveria essa história/estória? Que forma estética serviria para abrigar o tema de cunho popularesco? Essa reflexão teve ter batido na cabeça do poeta. Não tinha outro modelo senão a estética livre da poesia popular. Era uma saída única – assim também Drummond pagaria a dívida que tinha consigo mesmo e com a poesia popular que tanto admirava.

O poeta se protegeu por todos os lados: a *história* virou *estória*, para diluir a veracidade dos fatos. Além de escrevê-lo estar na forma de cordel, Drummond deu o poema para João Ricardo musicar. Foi assim que o espetáculo virou bandeira para grupos feministas e valorizou a poesia popular, tirando-a da pecha de *literatura de pouco ou nenhum valor*...

Decerto toda essa reminiscência, o desejo de homenagear a poesia popular, o conhecimento e as emoções do contato com os poetas – tudo isso foi canalizado para a elaboração do famoso poema. O cordel *Estória de João-Joana* – como se disse – foi musicado e gravado por Sérgio Ricardo em 1985 no Rio de Janeiro, com arranjo e orquestração de Radamés Gnattali.

Estória de João-Joana

Carlos Drummond de Andrade

Meu leitor, o sucedido
em Lajes do Caldeirão
é caso de muito ensino,
merecedor de atenção.
Por isso é que me apresento
fazendo esta relação.

Vivia em dito arraial
do país das Alagoas
um rapaz chamado João
cuja força era das boas
pra sujigar burro bravo,
tigres, onças e leoas.

João, lhe deram este nome
não foi de letra em cartório

pois sua mãe e seu pai
viviam de peditório.
Gente assim do miserê
nunca soube o que é casório.

Ficou sendo João, pois esse
é nome de qualquer um.
Não carece excogitar,
pedir a doutor nenhum,
que a sentença vem do Céu,
não de lá do Barzabum.

De pequeno ficou órfão,
criado por seus dois manos.
Foi logo para o trabalho
com muitos outros fulanos
e seu muque, sem mentira,
era o de três otomanos.

Na enxada, quem que vencia
aquele tico de gente?
No boteco, se ele entrava
pra bochechar aguardente,
o saudavam com respeito
Deus lhe salve, meu parente.

João moço não enjeitava
parada com sertanejo.
Podiam brincar com ele
sem carregar no gracejo.
Dizia que homem covarde
não é cabra, é percevejo.

Um dia de calor desses
que tacam fogo no agreste,
João suava que suava
sem despir a sua veste.
Companheiro, essa camisa
não é coisa que moleste?

Lhe perguntou um amigo

que estava de peito nu.
E João se calado estava
nem deu pio de nambu.
Ninguém nunca viu seu pêlo,
nem por trás do murundu.

João era muito avexado
na hora de tomar banho.
Punha tranca no barraco
fugindo a qualquer estranho.
Em Lajes nenhum varão
tinha recato tamanho.

João nas últimas semanas
entrou a sofrer de inchaço.
Mesmo assim arranca toco
sem se carpir de cansaço.
Um dia, não guenta mais,
exclama: – O que é que eu faço?

Os manos vendo naquilo
coisa mei' desimportante,
logo receitam de araque
meizinha sem variante
para qualquer macacoa:
carece tomar purgante.

João entrou no purgativo
louco de dor e de medo
se entorcendo e contorcendo
na solidão do arvoredo
pois ele em sua aflição
lá se escondera bem cedo.

O gemido que exalava
do peito de João sozinho
alertou os seus dois manos
que foram ver de mansinho
como é que aquele bravo
se tornara tão fraquinho.

No chão de terra, essa terra
que a todos nós vai comer,
chorava uma criancinha
acabada de nascer,
E João, de peito desnudo,
acarinhava este ser.

Aquela cena imprevista
causou a maior surpresa.
O que tanto se ocultara
se mostrava sem defesa.
João deixara de ser João
por força da natureza.

A mulher surgia nele
ao mesmo tempo que o filho,
tal qual se brotassem junto
a espiga com o pé de milho,
ou como bala que estoura
sem se puxar o gatilho.

Se os manos levaram susto,
até eu, que apenas conto.
E o povo todo, assuntando
a estória ponto por ponto,
ficou em breve inteirado
do que aí vai sem desconto.

Nem menino nem menina
era João quando nasceu.
A mãe, sem saber ao certo,
o nome de João lhe deu,
dizendo: – Vai vestir calça
e não saia que nem eu.

À proporção que crescia
feito animal na campina,
em João foi-se acentuando
a condição feminina,
mas ele jamais quis ser
tratado feito menina.

Pois nesse triste povoado
e cem léguas ao redor,
ser homem não é vantagem
mas ser mulher é pior.
Quem vê claro já conclui:
de dois males o menor.

Homem é grão de poeira
na estrada sem horizonte;
mulher nem chega a ser isso
e tem de baixar a fronte
ante as ruindades da vida,
de altura maior que um monte.

A sorte se presenteia
a todos doença e fome,
para as mulheres capricha
num privilégio sem nome.
Colhe miséria maior
e diz à coitada: – Tome.

É forma de escravidão
a infinita pobreza,
mas duas vezes escrava
é a mulher com certeza,
pois escrava de um escravo
pode haver maior dureza?

Por isso aquela mocinha
fez tudo para iludir
aos outros e ao seu destino.
Mas rola não é tapir
e chega lá um momento
da natureza explodir.

João vira Joana: acontecem
dessas coisas sem preceito.
No seu colo está Joãozinho
mamando leite de peito.
Pelo menos esse aqui

de ser homem tem direito.

De ser homem: de escolher
o seu próprio sofrimento
e de escrever com peixeira
a lei do seu mandamento
quando à falta de outra lei
ou eu fujo ou arrebento.

Joana desiste de tudo
que ganhara por mentira.
Sabe que agora lhe resta
apenas do saco a embira.
E nem mesmo lhe aproveita
esta minha pobre lira.

Saibam quantos deste caso
houverem ciência, que a vida
não anda, em favor e graça,
igualmente repartida,
e que dor ensombra a falta
de amor, de paz e comida.

Meu leitor (não eleitor,
que eu nada te peço a ti
senão me ler com paciência
de Minas ao Piauí):
tendo contado meu conto,
adeus, me despeço aqui.

FIM

Não causará surpresa para qualquer cordelista que Carlos Drummond de Andrade tenha escolhido a forma de poesia de cordel para contar essa história que tem um pouco de Diadorim, um pouco de Rogéria, um pouco de tudo... E o fez com competência e conhecimento. Escolheu a sextilha com versos de sete sílabas, respeitou e abusou da liberdade de expressão e pontuação, rimou a rima simples do poeta popular – AB, CB, DB – e se enredou de corpo e alma na história

andrógena da humanidade, que todos os dias é manchete e notícia escandalosa em jornais, na TV, na internet.

IX

É claro que o histórico de Drummond em favor da poesia e dos poetas populares arregimentou a favor dele a simpatia de um vasto grupo de admiradores e artistas. O escultor Zé Andrade o incluiu entre os personagens da coleção "Pílulas da Humanidade e do humanismo", o poeta Sá de João Pessoa lançou o folheto Louvação a Carlos Drummond de Andrade, outros poetas disseminavam a atuação de Drummond em favor do cordel:

Louvação a Carlos Drummond de Andrade

Sá de João Pessoa

Um poeta é um poeta
E um poeta de fato
A poesia sem ele
Não passa de um desacato
Um insulto às culturas
É disso que aqui trato.

Poeta já nasce feito
O verso sempre na mira
Nasce poeta na China
Istambul e Itabira
Rússia, Pará, Palestina
Todos tocam sua Lira.

Carlos Drummond de Andrade
Nasceu lá em Itabira
Terra do Ferro e do Ouro
Do Diamante e da Safira
Criado numa fazenda
A queijo Serro e Palmira.

Desde cedo abraçou
As letras e a poesia
Para o Rio viajou
Mas pra Minas voltaria
Nos jornais dessas cidades
Trabalhos publicaria.

Poeta é um repórter
Que dá notícia rimada
Igualmente é artista
Que diz verso na calçada
Palhaço é o versista
Faz odes e versalhada.

A poesia nasceu
Com a história do mundo
Foi poeta Prometeu
Vinícius e Pedro II
Bandeira e Shakespeare
Todos aedos profundos.

Poesia não tem ontem
Nem presente nem futuro
A poesia é eterna
Não tem barreira nem muro
O poeta canta a flor
O ouro, a fome, o monturo.

Mas falar desse poeta
Que há muito é consagrado
É dizer do conhecido
É chover no chão molhado
É um escritor que já
Conseguiu o almejado.

Tem muita força o poeta
Anjo d'Anunciação
Profeta da Paz e Amor
Vendedor de ilusão
O poeta canta a Terra
O Céu e a Revolução.

Neste ano vai cumprir
Mais outro aniversário
Mais uma pedra chutada
Do seu rico itinerário
O poeta firme e forte
Prossegue no seu fadário.

O poeta que se preza
Faz de tudo nesta vida
Compositor, romanceiro
Não dá viagem perdida
Esculpe e pinta e borda
A inspiração dá guarida.

Nosso Drummond de Andrade
Pra quem não sabe é artista
Se esta vida é um circo
Ele é malabarista
Mágico, clown, domador
Cospe-fogo e trapezista.

Em lendo seu lindo verso
Forjados com picardia
Se percebe a presença
Da mais alta poesia
Cujo cantar enfeitiça
Nos envolve de magia.

Vejo Drummond na verdade

Tal um poeta popular
Capaz de vestir-se simples
E um chinelo calçar
Indo pra praça pública
Seus poemas discursar.

Parar num bar de esquina
Pedir um chope gelado
Puxar papo com a vizinha
Que está sentada ao lado
E deixar tudo fluir
Como o ar maravilhado.

Passando por várias fases
Da cultura brasileira
O poeta conservou
A poesia primeira
Que veste qualquer camisa
E agita qualquer bandeira.

Não sendo um antiquado
E tampouco de vanguarda
Uma universalidade
Sua poesia guarda
É a força do cantar
Que logo chega não tarda.

No momento brasileiro
Vestiu a roupa de quem
Humilhado e perseguido
Virado um João Ninguém
Precisou da poesia
E do aboio também...

Tem poeta que prefere
Cantar a vida e a sorte

Fazer coro e louvação
De quem já levou a morte
Aqui eu canto o poeta
Enquanto tá vivo e forte.

Caro poeta Drummond
Fala aqui o primo-pobre
Aprendiz desajeitado
Desta arte que é nobre
Você é feito de ouro
E eu sou feito de cobre.

Faço daqui um pedido
Com todo desprendimento
Deem ao poeta em vida
As honras e monumentos
Gravando em sua alma
A força do sentimento.

Esta minha louvação
Pura e despretensiosa
Louva a flor da poesia
De cor viva e olorosa
É como o cravo cantando
Louvações para uma rosa.

Sou um mero cantador
De verso de pé-quebrado
Canto o canto do sertão
Louvo que é pra ser louvado
Meu verso nunca é triste
É como um forró ferrado.

Respeitoso e mui atento
Ouça aqui este cantar
Vibrante que nem o vento

E bonito como o mar
Desde logo agradecido
Orgulhoso por louvar.
(1985)

FIM

X

Carlos Drummond de Andrade, o poeta que se tornou admirado tanto pelos cordelistas quanto pelas associações de poetas populares, entre as quais a ABLC, que viria a ser fundada no dia 7 de setembro de 1988, logo estaria esquecido pelo cordel. É preciso lembrar que fazia apenas um ano (17 de agosto de 1987), que tinha falecido Drummond – esse grande admirador e defensor do poeta e da poesia popular, quando da fundação da ABLC. Mas, curioso, ele não está lá. A pergunta é: por que Carlos Drummond de Andrade não honra com seu nome o patrocínio de uma das 40 cadeiras da Academia Brasileira de Literatura de Cordel?

Outros grandes nomes da literatura brasileira, mesmo não sendo poetas (como a maioria dos patronos), foram homenageados. Leonardo Mota, Veríssimo de Melo, Luís da Câmara Cascudo, Umberto Peregrino e Capistrano de Abreu – entre outros – tiveram espaço para patrocinar cadeiras da ABLC. Carlos Drummond de Andrade, não.

Leonardo Mota sempre permeou sua obra, como ele mesmo disse: "*na intransigente defesa do sertão esquecido, do sertão caluniado*". Ele escreveu *Cantadores* (1921), *Violeiros do Norte* (1925), *No tempo de Lampião* (1930). Leota disse da própria obra: "*em todo o meu Cantadores e nas conferências, pus o melhor dos meus empenhos em fazer ressaltar a acuidade, a destreza de espírito, a vivacidade da desaproveitada inteligência sertaneja, de que os menestréis plebeus são a expressão bizarra e esquecida, apesar de digna de estudos*".

Veríssimo de Melo (1921-1996), patrono da Cadeira 16 da ABLC – ombreando com Luís da Câmara Cascudo – foi importante folclorista potiguar e escreveu trabalhos diretamente ligados à poesia popular como *Cantador de Viola* (1961) e *Tancredo Neves na Literatura de Cordel* (1986).

A ABLC reservou a Cadeira 26 para Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). Amigo íntimo e fornecedor de folhetos de Mário de Andrade, Câmara Cascudo escreveu *Vaqueiros e Cantadores* (1939), *Flor dos romances trágicos* (1966), além de inúmeros artigos sobre Literatura de Cordel.

De Umberto Peregrino (1911-2003), seria suficiente dizer que foi o fundador da Casa de Cultura São Saruê (da qual a ABLC iria herdar o imóvel e o acervo), dedicada à cultura popular, à Literatura de Cordel. A Casa São Saruê, cansou de receber a acoitar cordelistas e cantadores que vinham do Nordeste para fazer apresentações no Rio de Janeiro. Era também fonte de pesquisa para milhares de estudantes universitários e do ensino fundamental. Irmão de Peregrino Júnior, da Academia Brasileira de Letras, Umberto Peregrino, entre muitos cargos, presidiu a Diretoria da Biblioteca do Exército. Dele disse um amigo:

"*Depois fomos convidados a visitar a Casa de Cultura São Saruê, um enorme complexo cultural em Santa Teresa. Lembro a alegria e a satisfação com que nos recebeu e mostrou-nos tudo! Lembro da sua notável biblioteca e de sua expressiva coleção de Literatura de Cordel*". [Claudio Moreira Bento - *Recordando Humberto Peregrino*]. Além de temas históricos e militares, Umberto Peregrino escreveu *Literatura de Cordel em discussão* (1984) e também sobre o seu bairro em *Crônica do Bairro do Catete* (1986). Quando da morte de Umberto Peregrino em 2003, Gonçalo Ferreira da Silva prestou justa homenagem:

Morreu Umberto Peregrino,
sustentáculo da cultura popular.

Gonçalo Ferreira da Silva

Dia cinco de setembro
do ano dois mil e três
morreu Peregrino um dia
antes de fazer um mês
em que Roberto Marinho
seguiu o mesmo caminho
em agosto, dia seis.

De Umberto Peregrino
não é difícil falar.

sua bibliografia
é de riqueza sem par
e foi com tanta riqueza
que batalhou em defesa
da cultura popular.

Nos domínios do cordel,
teve grande atuação
com livros que mereceram
aplauso e louvação
e obras de envergadura
iguais **A Literatura**
de Cordel em Discussão.

Foi da Casa de Cultura
São Saruê fundador
da qual Gonçalo Ferreira
é humilde sucessor
que preserva, destemido
um acervo construído
com papel, xilo e amor.

Madrinha Mena foi chave
na vida do general
com viola e violão
sonorizando o local;
um concerto de viola
sabemos nós que controla
a parte emocional.

Teve Umberto Peregrino
uma inteligência viva,
sua participação
no cordel foi decisiva
e tinha entre escritores
e grandes pesquisadores
uma cadeira cativa.

O ilustre euclidiano
centralizou seus estudos
vendo nas obras de Euclides

os mais nobres conteúdos
e lia detidamente
acerca, principalmente
da tragédia de Canudos.

Luís da Câmara Cascudo
era leitura constante
e consulta obrigatória
a todo e qualquer instante
presente no seu estudo
uma obra de Cascudo
não faltava em sua estante.

Porém a grande paixão
de Umberto Peregrino
era a arte do repente
do cantador nordestino
e admirava o dote
dos glosadores de mote
homens de juízo fino.

E os principais poetas
de sua predileção
são Terezinha e Lindalva
Miguel Bezerra, Azulão,
mas pela inteligência
tinha grande preferência
por Waldomiro Galvão.

"Alpendre das Cantorias"
verdadeiro paraíso:
"– Quem quiser pedir um mote
não vá ficar indeciso,
poetas não fazem contas
as rimas já voam prontas
das entranhas do juízo".

Foi um criador de motes
de veia muito inspirada
entre os quais destaco aquele
que causou mais gargalhada

e presente em meu estudo:
Estou sabendo de tudo,
finjo que não sei de nada.

Outro mote apreciado
pela notável beleza
pelo general criado
em plena Santa Teresa
e feito com inteligência:
É mais do que imprudência
lutar contra a natureza.

Temos centenas de fotos
mostrando cada momento
em que o General ficava
silencioso e atento
enquanto escutava a arte
retirada de uma parte
secreta do pensamento.

Peregrino anunciava:
– Meu senhor, minha senhora
quero convidar a todos
para ouvir aqui, agora
uma arte tão bonita
que o mundo não acredita
que seja feita na hora.

E assim o general
ficava horas a fio
escutando os repentistas
no duelo ou desafio,
a alma se abastecia
de amor e poesia
naquele clima sadio.

Mungunzá, canjica e bolo
eram providenciados
e depois oferecidos
aos vates e convidados
ao grande evento presentes

e assim ouviam repentes
muito bem alimentados.

Do Instituto Nacional
do Livro foi fundador,
da grande Biblioteca
do Exército, diretor
onde teve atuações
nas duas instituições
de comprovado valor.

Dirigiu também o SAPS
com bastante competência
no restaurante aumentando
a já enorme frequência;
lá almocei várias vezes
junto com outros fregueses
que tinham a mesma carência.

A uma reunião
fomos com ele também,
guiando com a elegância
que poucos pilotos têm
nos disse certa manhã:
fui instrutor do **Detran**
portanto dirijo bem.

Quarenta ou mais livros
sobre conhecimento geral,
romances, contos, poemas
de riqueza sem igual
obra vasta e muito prática
abrange toda a temática
da cultura universal.

Um dia nos revelou
com infinito prazer:
– Poeta, já fiz no mundo
o que queria fazer,
se hoje eu ficasse mudo
já teria escrito tudo

que gostaria de escrever.

Construí sociedades,
já fiz tudo o quanto quis,
fundei centros culturais,
não conto tudo o que fiz
ao longo da humana lida
eu fui marcante na vida
cultural do meu país.

Em nome do grande amor
dedicado à poesia
teve em sua longa vida
o mais luminoso dia
dando um prédio de presente
onde fica permanente
a sede da Academia.

Dispondo da nossa sede
saímos de graves crises,
o nosso nome espalhou-se
nos mais distantes países
porque a felicidade
se consiste em na verdade
fazer os outros felizes.

Como fez a doação
agora é a nossa vez
o general foi humano,
amigo e muito cortês
quis fazer o bem somente
e foi isto exatamente
o que Peregrino fez.

Quando fez a doação
do prédio à Academia
redigimos um poema
numa bela parceria
agradecendo o momento
e festejando o evento
com infinita alegria.

A grande doação feita
pelo nosso general
fez a sessão transformar-se
num autêntico festival,
seguiram-se entrevistas
em jornais e em revistas
de nível nacional.

O general Peregrino
passou por celeste teste
e como foi aprovado
naquele teste celeste
trabalhou com muito amor
tornando-se defensor
da cultura do nordeste.

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 2003.

Agora, em se tratando de João Capistrano de Abreu (1853-1927), pode-se afirmar que foi importante historiador brasileiro, que escreveu trabalhos relevantes nos campos da etnografia e da linguística. Mas não se conhece nenhum vínculo de Capistrano com a poesia popular ou Literatura de Cordel, a não ser raras citações em sua obra etnográfica, insuficientes para justificar a inclusão de seu nome para o patrocínio da Cadeira 23 da ABLC.

Portanto a única explicação para o "esquecimento" do nome de Carlos Drummond de Andrade, é que deu "um branco" quando da disposição das cadeiras ABLC. Pois não há outra justificativa para não dedicar uma mísera cadeira para o poeta ser o patrono. É um fato inexplicável, ainda mais sabendo que o idealizador da ABLC – Gonçalo Ferreira da Silva – privou do companheirismo profissional do poeta de Itabira na antiga Rádio MEC, como disse em Adeus, Drummond.

Convivi anos com aquela
fenomenal criatura,
só não bebi poesia
naquela vertente pura
por não possuir leveza

para alcançar tanta altura.

XI

Poeta popular adora carpir a dor alheia. Desde *A pranteada morte de Leandro Gomes de Barros*, de João Martins de Ataíde os poetas estão de plantão para ver qual será o próximo a quem devem lamentar. Existe todo um folclore sobre o tema. José Soares, que ficava de olho no noticiário, ouvidos grudados no rádio para saber qual a personalidade ou o artista que baixou hospital ou que sofreu algum acidente na estrada (como Juscelino Kubitschek). Raimundo Santa Helena, que era apelidado às escondidas de "urubu de plantão", por estar atento ao chamado da morte.

Pode-se dizer que existe até um ranking de grandes lamentações, de perdas irreparáveis. A morte do padre Cícero foi um desses acontecimentos que causou comoção entre os poetas populares – como não poderia deixar de ser. Centenas, milhares de folhetos foram produzidos e vendidos, como este de 1953:

A pranteada morte do Padre Cícero Romão Batista

José Bernardo da Silva

Muito triste e pesaroso
Chamo o leitor atenção
Para tratar num assunto
De grande lamentação
Que fez todo pessoal
Pela ausência fatal
Do padre Cícero Romão.

Há dias que meu padrinho
Estava muito doente
Principalmente dos olhos
Que sofria horrivelmente
Assim eu ouvi dizer
Que ele cegou pra não ver
O uso do tempo presente.

Devido ele estar assim

Dona Mocinha dizia:
– Padre Cícero sem demora
Temos que ir a Bahia
Passar uns meses por lá
Melhorando voltará
Na paz da Virgem Maria.

Meu padrinho disse: – Joana
Para a Bahia eu não vou
Com pena de seus romeiros
Deu um aí e suspirou
O senhor bispo do Crato
Estava aí disse de fato
Esse conselho eu não dou.

Muitos senhores de bem
Estavam na ocasião
Disseram: – Por nós não faz-se
No padre a operação
Este corpo predileto
Está sofrendo por certo
A bem de toda nação.

O padre Vicente Sota
Um seu legítimo amigo
Disse: – O senhor só vai
Se não ouvir o que digo
Aqui se operará
Sem ser preciso ir lá
Pra evitar o perigo.

Correu o vocal na rua
Homem mulher e rapaz
Diziam: – Ele não vai
Resolveram não ir mais
Mas a surpresa inda alerta
De vez em quando penetra
Com gestos descomunais.

Passando assim muitos dias
Dona Mocinha tratou

De arranjar um dinheiro
E vinte contos guardou
Mandou um capitalista
Atrás de um oculista
Que sem demora chegou.

Seguiu um homem a Bahia
De lá foi a Pernambuco
Onde encontrou sem demora
Um oculista de suco
Que deu bons exames lá
Mas aqui no Ceará
Nos deixou doido e maluco.

Antes do homem partir
Meu padrinho tinha ordenado
Dá o dinheiro de esmola
A quem for necessitado
Mas a dona não queria
Deu a quem não merecia
Conforme foi seu agrado.

Antes do doutor chegar
Meu padrinho no sermão
Disse a todos os romeiros:
– Cuidai-vos na oração
Peçam a Virgem que eu veja
Pra ver se assim não seja
Preciso de operação.

Ordenou ao pessoal
Que do seu pranto se veste:
– Peçam a Virgem das Dores
Que nos defenda da peste
E quando o homem chegar
Não tenha mais que avisar
Rezem a corte a celeste.

No dia oito de junho
Uma notícia vagou
Pelas ruas da cidade

Tudo assustado ficou
Devido estarmos cismados
Dizia aos recém-chegados:
– Não sabem? O doutor chegou.

Meu padrinho no outro dia
Saiu pra nos avisar
Eu vou me tratar dos olhos
Que estou sem enxergar
O tratamento um mês rola
Por mim todos deem esmola
Que hei de recompensar.

Botou a santa benção
Bastante desconsolado
Depois fechou a janela
Ali ficou internado
O seu semblante mostrava
Que a si se aproximava
Um golpe tão amargurado.

Entraram em operação
Conforme podia ser
Um olho e outro não
Tiveram jeito a fazer
Pois quem dá remédio é Deus
Os mais sábios são ateus
De nada podem saber.

Porque a minha doença
Médico algum pode dar jeito
Nem os santos milagrosos
Não tirariam proveito
Tirava os pais de famílias
Se obrigassem as filhas
Terem vergonha e respeito.

Assim passou vinte dias
Sem ele vir à janela
Porque o médico exigia
No tratamento cautela

Romeiro ir lá? Isso não!
Pôs viva de guarnição
Na porta uma sentinela.

E no dia de São Pedro
Meu padrinho apareceu
Viva! Viva! Meu padrinho!
Todo povo respondeu
Só se ouvia estalar
Bombas e fogos no ar
Que a terra estremeceu.

Todo mundo dava viva
A nosso pai adorado
Mas o coração de todos
Sentia-se traspassado
Porque via meu padrinho
Puxado como um ceguinho
Tristonho e desconsolada.

No seu semblante se via
Os traços sentimentais
Como quem diz: – Meus romeiros
Breve nem um me vê mais
Dando sinal de partida
Adeus até outra vida
Onde descansa os mortais.

Deu meia volta e entrou
Foi cumprir uma dieta
Umas notícias risonhas
A multidão predileta
Então a romeiraria
Pediu a Virgem Maria
Sua saúde completa.

Corria sempre a notícia
Dele melhoradamente
E nesse ente chegou
A festa de São Vicente
Não sei se foi a zoada

Ou pela hora marcada
Que piorou de repente.

Dona Mocinha com pressa
Expediu um portador
Para a cidade de Crato
Para trazer um doutor
Chamou o doutor Belém
Consigo veio também
O seu coadjutor.

Deram-lhe, pois, um purgante
Porém de nada serviu
Antes se tornou pior
Pois até lhe impediu
Nisso então houve um desfraque
Logo lhe deu um ataque
Por grande dor que sentiu.

Então todos assistentes
Ficaram muito assustados
Esgotaram os meios
Os oculistas falados
Vendo debalde os recursos
Rebentaram em soluços
Bastantes contrariados.

Lhe deram três injeções
Mas ele não melhorou
E deu um copo de leite
Ele a metade tomou
Pela fraqueza recém
O leite não lhe fez bem
Tanto que fora botou.

Uma grande dor de cólica
Que ele sempre sentia
E com qualquer um remédio
Ela desaparecia
Mas esta que atacou-o
Bastante dilacerou-o

Por muito mais de um dia.

Seu corpo maravilhoso
Geladamente ficou
Por ser tempo de deixar
O solo que tanto amou
No momento derradeiro
Lançou seu braço ligeiro
A todos abençoou.

Lembrando-se do retiro
Já na última agonia
Ali, ele suspirando,
Que quase ninguém ouvia
Abençoou toda praça
Pra alcançar sua graça
Do Coração de Maria.

– Joana! Joana! Quede ela?
E esta logo chegou.
– Me abençoe pai amoroso!
Ele lhe abençoou
Dizendo por despedida:
– Adeus até noutra vida

Que meu tempo se findou.
Primeiro que tudo disse
Já com a voz compungida
Orai a todo momento
Não perca tempo na vida
Foi minha hora chegada
Não deixe desamparada
A minha pátria querida.

Adeus terra de meus pais
Adeus meu bom Juazeiro
Adeus terra de Iracema
Adeus meu povo romeiro
Adeus povo natural
Adeus globo terreal
No momento derradeiro.

Às cinco horas da manhã
Partiu dentre nós os réus
Levado por muitos anjos
Coberto com finos véus
Com prazer, com alegria,
Juntinho à Virgem Maria
Sobre os empíreos dos céus.

No dia vinte de julho
Do ano de trinta e quatro
Às seis e meia seria
Quando correu o boato
Que o padrinho faleceu
Todo mundo estremeceu
Dizendo: – Não é exato.

De toda parte se via
O povo vir em rebanho
Tirar de si o engano
Profundamente estranho
Certificar da verdade
Sobre o local da cidade
Já vi delírio tamanho.

Depois que mudaram a túnica
Botaram ele no salão
Onde os romeiros rendessem
Um culto de adoração
Chegando ali os fiéis
Prostrado beijava os pés
Com dor no seu coração.

Eu também entrei ali
Tristonho e desconsolado
E encontrei-o jazendo
Sobre o leito acalmado
Tive muitas impressões
Das grandes ingratidões
Que eu havia praticado.

Por minha causa eu creio
Que disto sou causador
De ver-vos aqui prostrado
Por minha culpa senhor
Pedi em meu coração:
– Tendes de mim compaixão
Por vosso divino amor.

Botaram numa janela
De seu sobrado o caixão
Aonde fez aumentar
A triste população
Ali seu corpo inocente
Passou o dia presente
Aos olhos da multidão.

Na hora em que o caixão
Sobre a janela pousou
E quem estava de parte
Atentamente o olhou
Então foram estremecendo
Bradando vivas e dizendo:
– Padrinho Cícero tornou.

Nesta voz houve um estrondo
De vivas do pessoal
Que atentamente esperava
Tal momento especial
Quando outra massa gritou:
– Ele não se levantou
Foi um pranto universal.

Chorava velhos e velhas
Homem, mulher e criança
Em delirante arruído
Que causou repugnância
Sem ter consolo um segundo
Por retirar-se do mundo
O astro de confiança.

Partiu da face da terra

O mais brilhante luzeiro
Estrela que iluminava
Do Brasil ao estrangeiro
Saiu por não suportar
Tanta miséria sem-par
Neste vasto globo inteiro.

Não findei o meu trabalho
Por estar contrariado
Mas pretendo terminar
Onde ele está sepultado
O tempo não o consume
Perpetuará seu nome
Eterno e condecorado.

Convive o nosso pastor
Com os seres celestiais
Deixando a prole querida
Com os delírios fatais
Deus terminou seus martírios
Preparou os céus empíreos
Para exemplo dos mortais.

FIM

É grande o folclore sobre os carpidores...

No caso de Carlos Drummond de Andrade não foi diferente. De imediato se providenciou antologias de vários poetas para o adeus derradeiro e cada um de per si tratou de demonstrar o amor ao poeta recém-desaparecido da melhor forma possível. No entanto, a explosão mais dramática e de grande sensibilidade foi justo a de Gonçalo Ferreira da Silva, no folheto Adeus, Drummond. Deve ter sido uma comoção muito grande, já que o poeta – tão cioso nas regras da literatura de cordel – deixou que alguns pés quebrados permeassem o poema em favor do realismo:

Adeus, Drummond

Gonçalo Ferreira da Silva (1987)

Às vinte e quarenta e cinco
de dezessete de agosto
do ano corrente, a morte
deixou seu macabro posto
e matou Drummond de Andrade
nos dando imenso desgosto.

Quando o coração do grande
gênio parou de bater
edições especiais
foram ao ar para dizer
que o maior dos maiores
acabava de morrer.

Comparar Drummond com outros
de distantes regiões,
de diferentes escolas,
de diversas gerações
não posso, pois seriam falsas
as minhas comparações.

Logo após a sua morte
providencial cordel
servia de sustentáculo
a um luminosos painel
mostrando a solene entrada
de Carlos Drummond de Andrade no céu,

Para nós foi o maior
da história universal,
maior que Pablo Neruda,
que Gabriela Mistral,
maior do que os maiores,
foi um maior sem igual.

Quem como Drummond de Andrade
fez tudo com tanto amor,
quem à própria dor do mundo
deu uma original cor
talvez que tenha morrido

sequer sem sentir a dor.

Se lermos Drummond de Andrade
com alma pura e serena
veremos grande riqueza
de imagem em cada cena
e a força interpretativa
da prodigiosa pena.

Um dia ao ler um poema
dos seus, achei tão bonito
que ao me desconcentrar
exclamei: – Não acredito
que alguém de carne e osso
tenha este poema escrito.

Drummond lutou toda vida
pra ser um homem comum
porém resultou inútil
pois não houve em tempo algum
alguém com o seu talento
pra dizer: houve um.

Porque em cada momento,
cada hora, cada dia
dos oitenta e quatro anos
a arte, a doce magia
de trabalhar as palavras
somente um gênio faria.

As moléculas, os átomos
como princípios vitais
serviam a Drummond de Andrade
nas vibrações cerebrais
mais harmoniosamente
do que nos outros mortais.

A cidade de Itabira
na grande terra mineira
foi berço e possivelmente
a inspiração primeira

do gênio mais avançado
da poesia brasileira.

A grandeza de Drummond
estende-se ao infinito
porque não foi provisório
pelo que deixou escrito;
morreu o homem Drummond
dando nascimento ao mito.

Daqui a séculos o homem
será capaz de jurar:
Carlos Drummond de Andrade
eu não posso acreditar
que foi gente em carne e osso
que se pudesse pegar.

Quando materialista
Carlos Drummond se dizia
era um materialismo
da forma que ele entendia
porém que existe Deus
secretamente sabia.

Pesquiso seu nascimento
com relutância descubro:
mil novecentos e dois
em trinta e um de outubro
o gênio nasceu enquanto
o Sol despontava rubro.

Nós que trabalhamos juntos
na mesma repartição
nos estúdios fonográficos,
nas salas de gravação
pude sentir a grandeza
do seu nobre coração

Desculpem Mário Quintana
Ferreira Gullar também,
Lygia e Paulo Mendes Campos

Vocês escrevem tão bem…
mas Drummond não foi poeta
pra comparar-se a ninguém.

Decretou Moreira Franco
luto em caráter local.
Drummond não sendo estadista
Ulysses cara de pau
em momento algum falou
de luto nacional.

Se existe uma verdade:
Carlos Drummond não sofreu,
para morrer preparou-se
durante enquanto viveu,
talvez que até nem tenha
sentido quando morreu.

Carlos Drummond de Andrade foi um gênio?
depende do que se entende
por um gênio. Foi um santo?
do que se entende, depende
por um santo. Mais do que
por santo se compreende.

Sumia frequentemente
e o pai, em certa altura
ia procurar Carlinhos,
resultado da procura:
achava o pequeno gênio
concentrado na leitura.

Assim cresceria gênio
sempre ausente e reservado,
pelos admiradores
sendo sempre procurado,
dando em troca do carinho
um sorriso algo apagado.

A grandeza de Drummond
não sabemos descrever

pois não existem palavras
que venham nos socorrer
foi grande, mas foi um grande
que não sabemos dizer.

Convivi anos com aquela
fenomenal criatura,
só não bebi poesia
naquela vertente pura
por não possuir leveza
para alcançar tanta altura.

Em face de sua grandeza
somente adeus lhe diria,
uma vez que quem foi grande
como a própria luz do dia
ainda que pretendesse
ser pequeno não seria.

Aos oitenta e quatro anos
Carlos Drummond de Andrade
se desfez suavemente
da severa gravidade
alcançando a plenitude
da celeste liberdade.

Repito: você foi grande
como a própria luz solar,
luminosidade que
ninguém pode superar,
a luz que só ao poeta
é dado vê-la brilhar.

Que seja Gonçalo ou seja
Carlos Drummond de Andrade.
Naquele pureza ingênua,
neste, a genialidade,
o poeta é um presente
de Deus a humanidade.

Quem visse a inteligência

do garotinho franzino
diria logo que aquele
prodigioso menino
não andaria escanchado
na garupa do destino.

A poesia popular
na pessoa deste autor
presta homenagem ao seu
ilustre admirador
na pátria da liberdade,
no santo reino do amor.

FIM

E tendo contado meu conto, adeus, me despeço aqui.

Rio de Janeiro, Cachambi, novembro/dezembro de 2017.

Adendo

Crônicas reproduzidas:

Despedida de cordel – JB, 11/8/1975

Leandro, o poeta – JB, 9/9/1976

Surge mais um presidenciável – JB, 24/6/1983

Os poetas estão com toda força – JB, 16/7/1983

O programa de um candidato – JB, 19/7/1983

Na feira, um pedaço do Brasil – JB, 18/9/1984

Folhetos reproduzidos:

A pranteada morte do Pe. Cícero Romão Batista
Autor: José Bernardo da Silva

Adeus, Drummond
Autor: Gonçalo Ferreira da Silva

Louvação a Carlos Drummond de Andrade
Autor: Sá de João Pessoa

Morreu Umberto Peregrino, sustentáculo da cultura popular
Autor: Gonçalo Ferreira da Silva